

# PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DA PENÍNSULA IBÉRICA



Porto  
ADECAP  
2000

Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular - Vol. IV

# CAPTURAR A MUDANÇA NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO SUL DE PORTUGAL

por

**Joaquina Soares & Carlos Tavares da Silva\***

**Resumo:** Os autores centram a sua análise nos momentos de mudança sócio-económica e cultural que marcaram a Pré-história recente do Sul de Portugal. Esses momentos críticos estão representados:

- pelo colapso da economia de caça-recoleção simples e sua substituição pelo modo de produção de caça-recoleção-armazenamento, ocorrida no Mesolítico;
- pela emergência, no Neolítico antigo evolucionado, do modo de produção doméstico;
- pela "revolução dos produtos secundários", no Neolítico final;
- pelo esgotamento do modo de produção Calcolítico e sua substituição pelas formações sociais da Idade do Bronze.

Serão discutidos os mecanismos da mudança cultural e o papel dos factores locais e regionais nos processos de transformação que conduziram às rupturas atrás assinaladas.

**Palavras-chave:** Mudança social; Pré-história recente; Sul de Portugal.

Propomo-nos analisar três momentos não sequenciais, em que a descontinuidade é maior na Pré-história recente do Sul de Portugal: a transição para as primeiras sociedades de economia agro-pastoril, marcada pela emergência do proto-megalitismo; a passagem para o Calcolítico, processada ao ritmo da "revolução dos produtos secundários" e a fase de substituição do modo de produção calcolítico pelas formações sociais da Idade do Bronze. O motor da mudança, por mais que valorizemos uma perspectiva sistémica onde a interacção dos factores intervenientes detém um papel essencial, parece residir nas inovações económico-tecnológicas e consequente desenvolvimento das forças produtivas.

---

\* Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

\*\* Centro de Estudos Arqueológicos MAEDS.

## **PROTOMEGALITISMO: LIQUIDAÇÃO DA HERANÇA MESOLÍTICA?**

*terra cada vez menor  
onde o céu se esvazia de caça e o rio é memória*  
(in "Pranto geral dos índios" de Carlos Drumond de Andrade).

Actualmente, não podemos localizar no Neolítico antigo do Sul de Portugal a emergência de sociedades plenamente agro-pastoris. Aquela fase, de assimilação selectiva e de experimentação das inovações económicas e tecnológicas neolíticas, desenvolve-se no quadro do modo de produção de caça-recollecção-armazenamento, característico do final do Mesolítico (Soares, 1997) e em contextos sociais ainda muito instáveis. Os frágeis elos de coesão deste tipo de organização social resultariam, essencialmente, da participação dos indivíduos nas actividades comuns de produção e consumo e não da existência de eventuais laços biológicos, de uma genealogia formal, de um antepassado de referência (Meillassoux, 1978).

Durante o Neolítico antigo evolucionado, genericamente atribuível aos finais do VI e à primeira metade do V milénios cal BC, surgem povoados, quer no litoral (Salema – Santiago do Cacem)<sup>1</sup>, quer no interior (Pipas-Reguengos de Monsaraz)<sup>2</sup>, que denunciam um maior domínio da tecnologia cerâmica e da utensilagem em pedra polida, que possuem estruturas domésticas mais complexas que a de momentos anteriores, como fornos em argila cozida, indícios que parecem apontar para o sucesso do novo modo de vida agro-pastoril. Aos momentos finais desta fase, atribuímos a construção de pequenas sepulturas pétreas, de planta fechada, oval ou rectangular, delimitadas por esteios ou blocos cuja altura, em geral, não ultrapassa 1,5m; o comprimento, regra geral, não excede os 2m (Tavares da Silva, 1997). Consideramos estas sepulturas protomegalíticas<sup>3</sup> as evidências arqueológicas que

<sup>1</sup> A dissociação espacial entre as sepulturas protomegalíticas e os sítios de habitat, a fraca capacidade discriminante, em termos cronológicos e culturais, do espólio das referidas sepulturas e uma generalizada ausência de datações radiométricas têm dificultado a apreensão desta fase de charneira, caracterizada, entre outros aspectos, pela transformação das sociedades instáveis, herdeiras do bando, nas sociedades camponesas, estruturadas por relações de parentesco. A proximidade geográfica (200m) e as afinidades no domínio da cultura material entre a sepultura protomegalítica do Marco Branco e o povoado do Neolítico antigo evolucionado da Salema permitiu-nos correlacionar as duas realidades arqueológicas. Aos momentos finais desse povoado, atribuímos a sepultura de Marco Branco (Tavares da Silva e Soares, 1983).

<sup>2</sup> Citem-se ainda os sítios da Valada do Mato, no concelho de Évora, em estudo por Mariana Diniz, e da Gaspeia, em Alvalade do Sado, escavado pelos signatários. A expansão para o interior da economia de produção de alimentos pode corresponder a um maior controlo das técnicas agrícolas e a crescimento demográfico.

<sup>3</sup> O fenómeno tumular protomegalítico possui uma ampla distribuição geográfica. Citem-se, no Centro e Sul do país, os seguintes monumentos: Anta 6 do Couto da Espanhola, em Idanha a Nova (Cardoso *et al.*, 1995), Sep. 2 do Cabeço do Torrão, em Elvas (Lago e Albercaria, 1995), Azinhal 3, em Coruche (Leisner e Leisner, 1959), Marco Branco, no Alentejo litoral (Tavares da Silva e Soares, 1983), Areias 10, em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner 1951). Além de sepulturas isoladas, foram identificadas, mais raramente, necrópoles protomegalíticas: Pessegueiro (Sines), em publicação na *Setúbal Arqueológica*, pelos signatários; Palmeira e Buço Preto (Monchique) (Formosinho *et al.*, 1953).

melhor ilustram a grande mudança social operada pela substituição das formações sociais de tradição mesolítica pelas sociedades camponesas, estruturadas por relações de parentesco. O monumento protomegalítico constitui-se como uma realidade completamente nova. Nele, o inumado, por hipótese o ancião mais sábio do grupo, ascenderia à categoria de antepassado, noção central do novo sistema de relações sociais, de parentesco, em que se alicerça o modo de produção doméstico (Meillassoux, 1978).

### **Protomegalitismo e emergência do modo de produção doméstico**

Durante o Mesolítico final da Europa atlântica, as áreas habitacionais, em particular os acampamentos de base, podiam comportar a função funerária, sob a forma de verdadeiras necrópoles. No território actualmente português, a prática de enterrar os mortos no espaço intra-habitat está presente nos vales do Tejo e Sado e na Costa Sudoeste. O ritual funerário incluía a utilização de ocre e fogo e impunha normas de preparação dos cadáveres como a flexão forçada das pernas sobre o tronco. Os mortos eram acompanhados por raros artefactos, nomeadamente adornos elaborados a partir de conchas. No vale do Tejo, registaram-se indícios de prováveis refeições fúnebres (Roche, 1972). Temos interpretado estes dados como reflexo do desenvolvimento dos índices de sociabilidade de grupos com economias de largo espectro, em processo de intensificação económica, pela via do armazenamento. Estas sociedades mesolíticas complexas ao assimilarem, a partir de meados do VI milénio cal BC, as inovações económicas e tecnológicas neolíticas, integraram-nas, muito provavelmente de forma incipiente, na estratégia de subsistência de largo espectro que vinham praticando e mantiveram os mesmos padrões locais do habitat e tipo de mobilidade (Soares, 1995). Durante o Neolítico antigo, a esfera do funerário não terá sofrido transformações apreciáveis relativamente ao final do Mesolítico. Em Samouqueira I (Sines) exumámos, na C. 2, os restos de duas inumações, em posição contraída, que documentam uma área de necrópole, muito destruída pelas lavouras, conotável com a ocupação do Neolítico antigo (Samouqueira II) e datada de 637070BP (TO-130) (Soares, 1997).

Nas escavações realizadas em extensão no povoado do Neolítico antigo de Vale Píncel I (Sines)<sup>4</sup>, identificámos um tipo de estrutura, cujo significado viria a adquirir contornos mais nítidos quando observámos as fossas sepulcrais do habitat de El Retamar (Cádiz)<sup>5</sup>. Eram acumulações, de contorno ovalado, de blocos sem

---

<sup>4</sup> Levando em consideração a área ocupada (10 ha), a elevada densidade de artefactos e tipologia dos mesmos, diversidade de estruturas domésticas, podemos afirmar que Vale Píncel I, datado radiocarbonicamente de meados do VI milénio cal BC (Soares, 1997), possuía uma economia de largo espectro e ter-se-á comportado como um estabelecimento de base do Neolítico antigo pleno.

<sup>5</sup> O povoado de El Retamar, localizado na margem da baía de Cádiz, sobre solos arenosos, como Vale Píncel I, revelou grande diversidade de estruturas domésticas e a existência, em plena área residencial, de depósitos funerários que mostram não existir "dicotomia entre el mundo de los muertos y el de los vivos" (Ramos et al., 1997: 682). O sítio de Retamar foi datado de finais do VI milénio cal BC; a tipologia da utensilagem lítica e da cerâmica deste povoado mostram similitudes com as de Vale Píncel I. Ao contrário do que ocorre neste povoado, onde

quaisquer vestígios de acção térmica *in situ*; integravam fragmentos de mós manuais. Na impossibilidade de atribuirmos a estas estruturas carácter doméstico, resta-nos a hipótese de estarmos perante pequenos *tumuli* de sepulturas de inumação, sendo o corpo, muito provavelmente, depositado em posição contraída, de acordo com as pequenas dimensões das superestruturas tumulares; infelizmente não se conservaram restos osteológicos. A tradição mesolítica de integrar nas áreas habitacionais a função funerária continuaria, assim, a vigorar durante o Neolítico antigo.

No que concerne à organização social do nosso Neolítico antigo pleno, podemos admitir, tal como J. Guilaine propôs para a comunidade do abrigo Jean Cros, que *"não se trataria então de uma sociedade de tipo caçadora-recolectora, nem de uma sociedade de tipo nitidamente agrícola, mas de uma sociedade de transição para a qual dificilmente se pode criar um modelo teórico"* (Guilaine, 1979: 414).

A organização social de tipo bando que, na sua mais pura formulação conceptual, não possui coesão permanente e desenvolve uma economia de rendimento imediato, baseada na exploração da terra como objecto de trabalho, não se aplicaria ao modo de produção de caça-recollecção-armazenamento do Mesolítico final e muito menos ao Neolítico antigo pleno. Porém, o funcionamento do quadro económico descrito para o Neolítico antigo pleno não exigiria um sistema de relações de parentesco bem estruturado, nem grande rigidez nos elos que ligariam o indivíduo ao grupo. O aparecimento das primeiras formações sociais economicamente dependentes da agro-pastorícia, durante o Neolítico antigo evolucionado, quer no litoral quer no interior, pressuporia, pelo contrário, a superação dos modelos organizativos inscritos na tradição do bando. A flexibilidade que caracterizava o sistema de relações deste último é incompatível com a economia agro-pastoril, onde a coesão social se mostra fundamental para a eficácia desse novo sistema económico. Os membros de cada grupo têm de permanecer coesos, da sementeira à colheita, e, uma vez concluída esta, o ciclo recomeça, em seu inexorável *continuum*. Este momento do processo histórico parece, pois, corresponder à emergência do modo de produção doméstico, tal como foi definido por Meillassoux. As relações de produção próprias da comunidade doméstica *"suscitam uma estrutura hierárquica fundada sobre a anterioridade; [...] definem um domínio, uma estrutura e um poder de gestão reservado ao mais idoso [ao ancião] no ciclo produtivo"* (Meillassoux, 1978: 67). Mas porquê esta noção de anterioridade, que conduz à diferenciação entre quem vem antes e quem chega depois?

Em resultado das características do ciclo agrícola, que se divide sucessivamente em períodos improdutivos e produtivos e que começa necessariamente com um período improdutivo, durante o qual tem lugar o investimento da energia humana na terra (esta agora explorada como um meio de trabalho e não como um objecto de trabalho como sucedia com o bando), os primeiros, os mais velhos, *"são aqueles a quem se deve a subsistência e as sementes: são os maiores"*; ocupam então o lugar mais elevado da célula comunitária, sendo os responsáveis pelas tarefas

---

a reconstituição das estratégias de subsistência se baseou em provas indirectas, em Retamar foi possível obter abundante informação faunística que revelou uma economia de largo espectro; esta, embora incluía a produção de alimentos (ovicaprinos e *Bos taurus*), reserva um papel significativo para as actividades da pesca e marisqueio.

relativas à colheita e armazenamento do produto e sua distribuição (Meillassoux, 1978: 66).

É neste cenário que enquadrámos os monumentos protomegalíticos, expressões eloquentes da nova organização social, onde são o reflexo, mas terão sido igualmente actores da construção da identidade do grupo e do seu direito a um determinado território, fundado na anterioridade que os despojos dos antepassados consubstanciam. O monumento funerário revela-se em dois grandes níveis de comunicação: o interior, de coesão, que permite a cada um reconhecer-se membro do grupo a que está ligado por compromissos permanentes; o exterior, de separação, que permite ao grupo delimitar o seu território face aos dos vizinhos, ser visto e definir as suas próprias estratégias de interacção. Nos inícios do fenómeno tumular megalítico, a dimensão de comunicação intra-grupal seria, muito provavelmente, a mais procurada. A comunicação com o exterior tornar-se-á, em nosso entender, de maior relevância no megalitismo pleno.

Localizados no Neolítico antigo evolucionado, estamos, evidentemente, a pensar em agricultura itinerante, de sacho e queimada. Os grupos teriam de deslocar frequentemente os seus povoados, de acordo com o ritmo de esgotamento e de reposição natural da fertilidade dos solos, povoados que, por essa razão, possuíam vida curta, não motivavam investimentos dispendiosos, apagavam-se rapidamente na paisagem. Estas comunidades, que optaram por uma economia francamente agro-pastoril, irão criar uma nova e mesmo revolucionária forma de enquadrar a morte. Atribuem-lhe um espaço próprio, dissociado dos contextos precários em que decorria o quotidiano doméstico. Conferem-lhe o carácter de permanência em paisagens que passarão a ser moldadas culturalmente. Os pequenos túmulos pétreos, destinados provavelmente aos anciãos com mais transcendência para o culto dos antepassados, terão sido, assim, actores de uma importante revolução cultural. Eles pressupõem um novo conceito de tempo: desenvolve-se a ideia de tempo cíclico; a valorização do tempo presente, característica das sociedades de caçadores-recolectores, dá lugar à valorização do tempo passado, do tempo mítico ou monumental. Esta ênfase favorece comportamentos prospectivos que garantem o futuro pela projecção que nele fazem do melhor que o pretérito legou ao grupo, através das vozes dos antepassados.

Os monumentos desta fase inicial do megalitismo parecem corresponder, no Sul de Portugal, a comunidades basicamente igualitárias. De notar que o espólio funerário é, em geral, escasso; na feitura da sepultura parece residir o maior investimento; o que mais conta é o trabalho do grupo. Estas sepulturas poderiam ser construídas, em média, por 10 indivíduos, durante 4 semanas. O mobiliário funerário é quase sempre constituído por indústria lítica, nomeadamente geométricos, sobre lamela e/ou lâmina estreita e instrumentos em pedra polida, frequentemente com vestígios de uso, fracturas, inclusivé. Os inumados não são acompanhados por instrumentos de pedra polida com carácter cerimonial ou de prestígio, como acontece em alguns contextos mediterrâneos (Guilaine, 1996). Porém, na ausência de espólios de prestígio, devemos ter presente que a própria sepultura poderia ser um indicador de diferenciação de estatuto social. Se é possível admitir que em alguns grupos todos os mortos tivessem idêntico tratamento (Monchique?), é igualmente defensável que outros grupos reservassem a sepultura pétrea envolvida por colina tumular apenas para algumas personagens que, por razões particulares, tivessem transcendência relativamente ao culto dos antepassados. Não esqueçamos que ou-

tros espaços funerários<sup>6</sup> continuaram em utilização durante o desenvolvimento do fenómeno tumular megalítico e a articulação entre eles continua por realizar: distintos grupos étnicos? Diferenciação social dentro do mesmo grupo? Diferentes momentos de um mesmo ritual funerário?

### Cronologia

Ao contrário do que se observa no Norte do país<sup>7</sup>, o Sul não dispõe de datações radiométricas para sepulturas protomegalíticas. A cronologia relativa e a informação proveniente de outras regiões permitem situar esta fase no V milénio cal BC.

A discussão sobre a génese do megalitismo foi seriamente afectada pela ausência, até há relativamente pouco tempo, de vestígios do Neolítico antigo ou de tradição antiga em áreas onde o fenómeno megalítico se apresentava com grande visibilidade. Alguns autores atribuíram as primeiras manifestações megalíticas a populações do final do Mesolítico.

No plano meramente teórico, recusámos essa possibilidade:

*"O Megalitismo, enquanto parte integrante das sociedades de tipo segmentário, não pode ser vinculado aos primeiros momentos da neolitização de uma região se este último processo for entendido como a mudança económico-cultural desenvolvida pelas populações mesolíticas autóctones, que levou ao surgimento do modo de produção doméstico. As comunidades que inauguraram o processo de neolitização, organizadas em estruturas sociais que deveriam conservar grande abertura e flexibilidade, derivadas do bando, dificilmente podem ser consideradas as primeiras construtoras de sepulturas megalíticas. Será mais razoável atribuir esse papel às suas sucessoras que, em momento subsequente à assimilação da economia de alimentos, teriam procedido à necessária reestruturação da organização social, agora assente em relações estáveis, fundadas no parentesco [...] Neste contexto, as noções de anterioridade, de passado, de antepassado mítico adquirem lugar central na ideologia emergente e resolvem-se privilegiadamente no espaço funerário [...]"* (Soares, 1996: 39-40).

Os estudos sobre protomegalitismo no sudoeste peninsular são francamente escassos; as comparações com o mundo mediterrâneo e com o Atlântico, em cuja

---

<sup>6</sup> Refiram-se as grutas naturais e os depósitos funerários intra-habitat que parecem ter prosseguido adentro do Neolítico em economias ribeirinhas, de tipo agro-marítimo, como no sítio de mariscadores da Malhada Alta (Comporta), datado de 4720±50 BP (CSIC - 652) (Tavares da Silva *et al.*, 1986). Aí observámos os restos de uma inumação, embalados na camada arqueológica desmontada ao longo de talude artificial criado pela exploração de areias.

<sup>7</sup> Em um estudo de Alonso e Bello (1997), suportado por 44 datas provenientes de 22 monumentos do Norte de Portugal, verifica-se que as sepulturas de câmara simples, fossa ou simples deposição, sob *tumulus*, consideradas dos inícios do megalitismo (grupo A) se distribuem, maioritariamente, por uma faixa cronológica de 4000 a 3800 cal BC (2 sigma). Durante o último terço do V milénio cal BC encontra-se perfeitamente confirmada a presença de pequenas câmaras ortostáticas integradas em colinas tumulares com cerca de 12m de diâmetro médio. Os inícios do megalitismo contam, porém, com datas da primeira metade do V milénio cal BC (Cabritos 3, Aboboreira). A partir de meados do IV milénio cal BC, e até ao final do ciclo funerário megalítico, não existem evidências de uso dos monumentos proto-megalíticos. Eles são substituídos, nas paisagens megalíticas que fundaram, por monumentos complexos, em geral de corredor. O monumento protomegalítico só será reutilizado em torno a 1000 cal BC, quando as sepulturas individuais voltam a ser dominantes, em pleno Bronze final.

encruzilhada nos localizamos, denunciam nítidas semelhanças no que concerne às realizações materiais e respectivas cronologias. No Mediterrâneo Ocidental, em particular no Sul de França e Catalunha, as pequenas sepulturas individuais sob *tumuli*, organizadas em necrópoles, integram-se em um processo evolutivo que se enraíza nas fases terminais do Epicardial (Guilaine, 1996: 135-138). Várias datações radiométricas obtidas para jazidas catalãs (Font de la Vena, El Pardo II) permitem remontar a origem do protomegalitismo à primeira metade do V milénio cal BC. Em termos globais, para o Mediterrâneo Ocidental, Guilaine propõe uma cronologia do V milénio cal BC, com eventuais prolongamentos pelo IV milénio.

No noroeste europeu, também a fase inicial do megalitismo mostra sepulturas simples. Na costa oriental da Irlanda do Norte (Cúil Irra), a fase inicial do fenómeno megalítico encontra-se representada por pequenas câmaras de planta fechada cuja dimensão máxima não ultrapassa, geralmente, os 2m, cobertas por *tumuli* (por exemplo, o *tumulus* de Croaghaun, com cerca de 7m de diâmetro). Foram obtidas, para estes monumentos, datações radiométricas da primeira metade do V milénio cal BC, as quais são, no entanto, consideradas com algumas reservas por S. Bergh (1995: 103-104). A fase de maior desenvolvimento das primeiras sepulturas megalíticas no noroeste europeu talvez se possa situar nos finais do V e inícios do IV milénios cal BC (Barclay, 1997).

A problemática da função dos monumentos megalíticos tem sido objecto de vasta bibliografia. Porém, no que respeita à fase inicial deste processo, ao protomegalitismo, talvez pelo seu carácter eminentemente transitório e fugaz, na charneira entre duas realidades sociais completamente distintas, pouca atenção lhe tem sido dispensada, mau grado a sua ubiquidade no nível basal da generalidade do megalitismo europeu.

Se durante o Neolítico antigo ocorrem as inovações económicas que irão configurar o modo de produção doméstico, a mudança que irá desencadear a substituição da estrutura socio-cultural herdada do Mesolítico pela organização social camponesa terá lugar somente nos finais do Neolítico antigo evolucionado, fase que muito justamente poderá ser chamada de protomegalítica, uma vez que é no domínio funerário que melhor se observa a ruptura com a ordem cultural precedente.

Resumindo, durante o protomegalitismo ocorre a adequação da estrutura social, agora organizada por novas relações de produção baseadas no parentesco, à estrutura económica constituída no decurso do Neolítico antigo em resultado da adopção das inovações económico-tecnológicas respeitantes à produção de alimentos.

## **O FINAL DO NEOLÍTICO E A REVOLUÇÃO DOS PRODUTOS SECUNDÁRIOS**

Poderemos afirmar, sem exagero, que o tempo se acelerou extraordinariamente nos finais do IV milénio cal BC, sendo difícil, como em todos os momentos de grande dinamismo, destringer causas e efeitos de um processo de mudança cultural. Com a duração de cerca de 200 anos em datações convencionais de <sup>14</sup>C, o Neolítico final é talvez o momento mais revolucionário da nossa Pré-história recente. A chamada revolução dos produtos secundários viabiliza, de facto, as formações sociais camponesas. É no entrosamento entre agricultura e pastorícia que, ao surgir uma verdadeira economia agro-pecuária, se consolida um modo de vida sedentário,

com crescentes aumentos demográficos e complexidade social.

Esse curto período de cerca de dois séculos foi, com efeito, crucial para a consolidação e desenvolvimento da economia agro-pastoril que deveria ter atingido, no decurso do Neolítico médio, uma situação de bloqueio face a limitações tecnológicas: agricultura itinerante, de sacho e queimada, dependente do ritmo da reposição natural da fertilidade dos solos e confinada às terras mais ligeiras, em geral menos férteis. A aplicação à agricultura de uma nova fonte de energia, a força de tracção animal explorada através do arado e do carro, desencadeou um aumento do volume da produção e ganhos de produtividade sem precedentes.

A sociedade do Neolítico médio, com fracos excedentes, em geral investidos na esfera funerária, em rituais associados ao culto do antepassado enquanto via de coesão social, condição de reprodução social alargada, dá lugar, no final do Neolítico e nos inícios do Calcolítico, a uma formação social que acumula sobreproduto económico, que o armazena em silos, que o defende atrás de muralhas. Embora se deva ter mantido durante o Calcolítico a estrutura social segmentária neolítica, assente em sistema de relações de parentesco, um novo elemento vem complexificar aquela matriz: a solidariedade residencial. Uma nova relação que poderíamos chamar de "proto-cidadania", resultante da partilha de um mesmo povoado estável, de um mesmo hinterland produtivo, de um destino comum. O investimento do esforço construtivo dirige-se agora, prioritariamente, para o povoado.

A fase de transição, propriamente dita, é marcada pelo brusco aumento de excedentes que, canalizados para a esfera tradicional do poder simbólico, o espaço funerário, ampliam em gigantismo e monumentalidade as sepulturas megalíticas e respectivas envolventes. O apogeu do megalitismo é o "canto do cisne" da sociedade tribal extensa, articulada em seus múltiplos nós, comandada pelas linhagens de maior prestígio, unificada por complexos rituais identitários, por mitos de fundação, discursos de poder mais ou menos estandardizados, dos quais sobraram, no registo arqueológico, como palavras soltas, frases truncadas, os ídolos-placa, os báculos e também alguns contextos, ou lugares de intensa sociabilidade, memória e poder, como o cromeleque dos Almendres e os grandes dólmenes de corredor, como a Anta Grande do Zambujeiro.

Os povoados, lentamente, alçaram-se na paisagem, abandonam a planície na procura de maior domínio visual, de maior controlo territorial, de melhor defesa de excedentes, mas não é ainda chegado o tempo das fortificações. Sítios como o Marco dos Albardeiros, em Reguengos de Monsaraz (Soares e Tavares da Silva, 1992), Cabeço da Mina, no Torrão (Tavares da Silva e Soares, 1976-77) ou Alto de S. Francisco, em Setúbal (Tavares da Silva e Soares, 1986) inscrevem-se neste novo padrão locativo.

A intensificação económica subjacente a estas transformações ficou inscrita, quase "pedagogicamente", no santuário exterior do Escoural (Gomes, Gomes e Santos, 1983) onde foram gravados, nos afloramentos de mármore, bucrâneos, um carro de caixa quadrada com quatro rodas maciças, um arado e o campo agrícola. Estas gravuras, seladas pela fortificação calcolítica, puderam, excepcionalmente, ser datadas por um limite *ante quem*: (ICEN-609) 4260  $\pm$  90 BP. A importância simbólica do touro reflecte o extraordinário valor económico deste recurso. O touro pode ter sido o animal sacrificial, por excelência. Ele terá sido sacrificado em provável ritual de fundação na fortificação calcolítica de Vila Nova de S. Pedro.

A mudança do final do Neolítico alicerça-se, pois, numa transformação tecno-económica relativamente rápida. Os ajustamentos sociais e culturais irão ocorrer em um tempo mais dilatado em que se consubstancia o Calcolítico. A expressão

arqueológica mais característica da nova formação social é constituída pelas primeiras fortificações, as quais apresentam linhas de muralhas reforçadas por torres e bastiões. Os territórios de cada grupo são agora organizados a partir do povoado cuja localização obedece à conjugação de três factores principais: topografia, frequentemente com boas condições naturais de defesa, proximidade de solos espessos de elevada fertilidade (classes A e B) e de aquíferos acessíveis. A forte sedentarização (associada à redução dos territórios de captação de recursos) tende a sobrevalorizar o hinterland agro-pecuário do povoado, a acentuar as suas fronteiras, a aumentar (no quadro de uma desigual acumulação de riqueza) a competição pelos recursos críticos face a um cenário de crescimento demográfico. O conflito inter-habitats originará a guerra, forma extrema de interacção negativa. A guerra torna-se "total" em resultado da emergência da desigualdade e na ausência de formas de poder centralizado que pudessem controlar amplas áreas territoriais.

### **O COLAPSO DO MODO DE PRODUÇÃO CALCOLÍTICO E A EMERGÊNCIA DAS FORMAÇÕES SOCIAIS DA IDADE DO BRONZE**

O final do Calcolítico surge-nos como um momento de profunda transformação, expressa no registo arqueológico através de evidente desconexão. Altera-se o padrão locativo mais comum do habitat, mudam-se os rituais funerários, muda a escala da organização social, dilata-se extraordinariamente o espaço de trocas.

A vida útil das fortificações calcolíticas parece chegar ao fim no decurso do chamado Horizonte Campaniforme. Existem povoados, como o de Monte Novo (Sines) que são abandonados antes deste período; outros fornecem materiais campaniformes sobrejacentes à destruição das estruturas do Calcolítico inicial e pleno; outros ainda, mais dinâmicos, revelam actividade construtiva nesta fase, como os do Monte da Tumba (Torrão) e Porto das Carretas (Mourão), mas a área edificada restringe-se em relação à das fases anteriores.

A estratégia de povoamento aglomerado e/ou concentrado do Calcolítico pleno é substituída por um povoamento disperso.

O Horizonte Campaniforme, verdadeira ponte entre o modo de produção característico do Calcolítico e as formações sociais hierarquizadas da Idade do Bronze, constitui um dos momentos mais complexos e de mais difícil apreensão revelados pelo registo arqueológico. Em primeiro lugar, coloca-se a questão da medição do tempo e da periodização. O ritmo da história é tão veloz que as datações absolutas talvez não possam, por agora, responder com a finura cronológica que o modelo de periodização, por nós proposto para este horizonte (Tavares da Silva e Soares, 1986), reclama. Perante datações radiométricas escassas, às vezes contraditórias, em resultado das más condições de jazida em que frequentemente surgem os vestígios das ocupações campaniformes<sup>8</sup>, o referido esquema de periodização foi al-

---

<sup>8</sup> O facto das camadas correspondentes às ocupações campaniformes surgirem frequentemente no topo das sequências calcolíticas, sujeitas a aportações acidentais e pós-deposicionais, provenientes dos níveis inferiores, e aos mais diversos tipos de perturbações que o seu carácter superficial ou de cobertura favorece, torna muito difícil contextualizar com rigor as amostras a datar.

gumas vezes contestado. Porém, na última década, a ênfase deslocou-se das questões cronológicas para as económicas e sociais, levando à construção de modelos teóricos do maior interesse para a compreensão de uma realidade arqueológica tão difusa como a campaniforme e logrou produzir alguns contributos relevantes para a validação da nossa proposta a que gostosamente voltamos. Assim, caracterizávamos a fase inicial do Horizonte Campaniforme ou Grupo Internacional, em termos de cultura material, pela cerâmica campaniforme de estilo marítimo ou internacional (vasos e caçoilas). Esta cerâmica marca uma ruptura com a olaria calcolítica precedente; a sua concepção afigura-se-nos completamente exógena. Independentemente do seu foco de origem, a referida produção inaugura um fenómeno de dispersão a uma escala sem precedentes, rompendo decididamente com os padrões de territorialidade que imaginamos para o Calcolítico. No entanto, o seu aparecimento, embora nos momentos finais da vida útil das fortificações calcolíticas, coloca em evidência o seu entrosamento com aquelas preexistências. A este curto momento de inovação sucede-se um rápido processo de mudança: reelaboração dos repertórios cerâmicos regionais sob a influência dos novos modelos cerâmicos (por outras palavras, a cerâmica campaniforme regionaliza-se, sendo as novas técnica e temática decorativas aplicadas a formas autóctones); dispersão do povoamento, com a criação *ex nihilo* de numerosos estabelecimentos; diversificação do padrão locativo dos *habitats*; total desarticulação do modo de produção calcolítico.

A emergência de um novo tipo de formação social, a expensas do colapso do anterior, pode ser lida nos momentos finais do Horizonte Campaniforme e é caracterizada, no que concerne à cultura material, pelo Grupo Inciso, onde a cerâmica, maioritariamente incisa, se associa a um pacote de peças metálicas (por exemplo, pontas tipo Palmela e punhais de lingueta) de ampla distribuição geográfica. Nesta fase, começam a generalizar-se os enterramentos individuais, mesmo quando reutilizam antigas sepulturas colectivas. Surgem sepulturas de guerreiros, muito provavelmente chefes com elevada capacidade de apropriação de bens de prestígio. Estes líderes, verdadeiros nós de prováveis redes de alianças políticas, tenderão a acumular poder e riqueza (peças de cobre, ouro e marfim), ao serviço da centralização do poder político e do alargamento das escalas da organização socio-territorial, em marcha para as sociedades fortemente hierarquizadas e talvez mesmo estratificadas do Bronze final.

Que mecanismos económico-sociais teriam estado na origem da mudança ocorrida na passagem do III para o II milénios A.C.?

O processo que conduziu à formação das sociedades calcolíticas continha em si contradições que produziram o colapso do respectivo modo de produção. A escala predominantemente localista da organização económica e social calcolítica teria conduzido a um sistema económico excessivamente compartimentado o que, associado à situação de intensa conflitualidade inter-grupal (resultante, entre outros factores, da desigual acumulação de riqueza pelas diversas comunidades num quadro de ausência de poder centralizado, de grande segmentação dos territórios e de progressiva escassez de reservas de solo arável), bloquearia o desenvolvimento das forças produtivas, em particular a metalurgia, actividade que consideramos motora, atendendo à sua capacidade de indução de alterações estruturais na esfera produtiva e social. A resolução de tais contradições iria ocorrer nos finais do III/inícios do II milénio através da emergência de formas de poder centralizado com funções redistributivas, capacidade de regular a conflitualidade, organizar a exploração eco-

nómica de vastos territórios e estruturar redes de trocas de grande amplitude. Surgiam, assim, as formações sociais da Idade do Bronze.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, F. & BELLO DIÉGUEZ, J. M. (1997), Cronología y periodización del fenómeno megalítico en Galicia a la luz de las dataciones por Carbono 14. In A. Rodríguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlántico e as orixes do Megalitismo*, pp. 507-520, Santiago de Compostela.
- BARCLAY, A. (1997), The portal dolmens of the northeast Cotswolds: symbolism, architecture and the transformation of the earliest Neolithic. In A. Rodríguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlántico e as orixes do Megalitismo*, pp. 151-159, Santiago de Compostela.
- BERGH, S. (1995), *Landscape of the monuments. A study of the passage tombs in the Cúil Irra region, Ireland*, Stockholm.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. Ribeiro (1995), Anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-históricos*, vol. III, pp. 19-37.
- FORMOSINHO, J.; FERREIRA, O. da Veiga & VIANA, A. (1953), *Estudos arqueológicos nas Caldas de Monchique*, Porto, Instituto de Alta Cultura.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983), O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 287-307.
- GUILAINE, J. (1979), Le Néolithique ancien de l'Abri Jean-Cros. Hypothèses sociologiques. In J. Guilaine (ed.), *L'Abri Jean-Cros. Essai d'approche d'un groupe humain du Néolithique ancien dans son environnement*, pp. 411-422. Toulouse.
- GUILAINE, J. (1996), Proto-mégalithisme, rites funéraires et mobiliers de prestige néolithiques en Méditerranée occidentale. *Homenaje al Professor Manuel Fernández-Miranda*, vol. I, pp. 123-140.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951), *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*, Lisboa, Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959), *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Berlin.
- MEILLASSOUX, C. (1978), *Mujeres, graneros y capitales*. Madrid, ed. Siglo Veintiuno.
- RAMOS, J.; LAZARICH, M.; CASTAÑEDA, V.; PÉREZ, M.; MONTAÑÉS, M.; BLANES, C.; LOZANO, J. M.; HERRERO, N.; GARCÍA, M. E. & AGUILAR, S. (1997), Los inicios de la economía de producción en la bahía de Cádiz. In A. Rodríguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlántico e as orixes do Megalitismo*, pp. 677-689, Santiago de Compostela.
- ROCHE, J. (1972), *Le gisement mésolithique de Moita do Sebastião, Muge, Portugal. I- Archéologie*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura.
- SOARES, J. (1995), Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol. 35, fasc. 2 (Actas do 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, Vol. VI), pp. 27-45, Porto.
- SOARES, J. (1996), Na busca de um passado comum. O Neolítico e as origens do

- megalitismo. *Al. madam*, II série, n.º 5, pp. 37-45.
- SOARES, J. (1997), A transição para as formações sociais neolíticas na Costa Sudoeste portuguesa. In A. Rodriguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlântico a as orixes do Megalitismo*, pp. 587-608, Santiago de Compostela.
- SOARES, J. & TAVARES DA SILVA, C. (1992), Para o conhecimento dos povoados do Megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*, vol. IX-X, pp. 37-38.
- TAVARES DA SILVA, C. (1997), O Neolítico antigo e a origem do Megalitismo no Sul de Portugal. In A. Rodriguez Casal (ed.), *O Neolítico Atlântico a as Orixes do Megalitismo*, pp. 575-585, Santiago de Compostela.
- TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1976-77), Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, Vol. II-III. pp. 179-272.
- TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1983), Contribuição para o estudo do Megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, vol. I, pp. 63-88, Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C. & SOARES, J. (1986), *Arqueologia da Arrábida*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J.; CRUZ, C. Souto & REIS, A. Sousa, (1986), Neolítico da Comporta. Aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14, pp. 59-82.